

II Semanas Virtuais de Estudos Transversais: *Educação, Histórias e Culturas Indígenas*

Curso de Letras-Português a Distância

UNIPAMPA Jaguarão
02 a 16 de julho de 2017

As **Semanas Virtuais de Estudos Transversais** objetivam fomentar com a e o discente da UNIPAMPA o debate crítico de temas relativos aos temas transversais, considerados como pontos nodais no avanço das desigualdades sociais no Brasil. Isso será feito chamando profissionais, professores, estudiosos, cientistas e artistas de áreas diversas do conhecimento humano a fim de, igualmente, promover um saber interdisciplinar desses temas que tocam a todos. Pensando o contemporâneo, cada **Semana Virtual** quer suspender, no espírito do e da discente, certezas consolidadas e naturalizadas e, com isso, suscitar inquietações próprias ao espírito investigativo.

Estas **Semanas** constituem um evento virtual de cunho cultural, artístico e social. A participação será atestada e poderá ser contabilizada no cálculo de ACGs.

INSCRIÇÃO: A partir do dia 27 de junho. Tod@ aquel@ que é UNIPAMPA pode ser um@ ciberparticipante. Basta se autoinscrever no Moodle (<https://moodle-ead.unipampa.edu.br/course/index.php?categoryid=2>) em "**II Semanas Virtuais de Estudos Transversais**".

Nestas **II Semanas Virtuais**, contaremos, do dia 02 a 08, com a presença virtual dos Ana Luisa Teixeira de Menezes, Bruno Ferreira, Maria Aparecida Bergamaschi e Michele Barcelos Doebber, do Grupo de Pesquisa **PEABIRU: educação ameríndia e interculturalidade**, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Importante dizer que nosso aluno kaingang, Onorio Isaías de Moura, da Unipampa São Borja, estará acompanhando as atividades junto ao Grupo, na UFRGS. Todos formaremos a **Semana Virtual X**.

A primeira parte dessas atividades virtuais acontecerão a partir do dia 02, com **vídeos online** a serem assistidos. Na segunda parte, essas professoras e o professor serão nossos ciberpalestrantes e formarão uma **mesa-redonda virtual**, no dia 05 de julho deste ano, das 19h às 20h30. Após esse tempo, nossos e nossas ciberparticipantes terão 45 minutos para **interação** com o a mesa virtual via chat, na **webconferência**. Nesse momento, poderão enviar perguntas aos ciberpalestrantes. E, num terceiro momento, o ciberparticipante deve registrar sua participação num **Fórum** específico.

A mediação será realizada por Maria Cristina Graeff Wernz, da UNIPAMPA Alegrete, secretária executiva da Diretoria de Educação a Distância desta Universidade. Estará com ela, Fátima Rosane Silveira Sousa, doutoranda em Educação da UNISC.

Do dia 09 a 16, acontecerá a **Semana Virtual Y** será conduzida pelo pesquisador, performer e produtor cultural Alessandro José de Oliveira, do Departamento de Arte Cênicas do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas. Há **vídeos online** a serem vistos, um **texto digital** a ser lido e uma **webconferência** marcada para o dia 13, a partir das 19h00. **Ciberparticipe!!!**

Semana Transversal X
02 a 08 de julho

Mesa-redonda virtual: Educação ameríndia e interculturalidade
05 de julho de 2017

Filmes online como pré-evento:

Como início das atividades, assista aos seguintes filmes online:

Os seres da mata e sua vida como pessoas (Nhandé va'e kue meme'ĩ)

Sinopse: “Essa câmera vai funcionar como um olho e o ouvido de todos que estão atrás dessa câmera, ela vai ser uma criança que vai estar escutando a fala dos meus avós”. Assim o jovem cacique Vherá Poty apresenta as imagens dos “bichinhos” e as narrativas mito-poéticas dos velhos em torno dos modos de criar, fazer e viver a cultura guarani, expressos na confecção de colares, no trançado das cestarias e na produção de esculturas em madeira dos seres da mata: onças, pássaros e outros “parentes”.

<https://vimeo.com/16341930>

Serrinha - Aldeia Kaingáng

Produzido com o apoio da UNIPAMPA e do Instituto Kaingáng.

<https://www.youtube.com/watch?v=r9i1d4NdBRU>

Dia 05/07, às 19h00: mesa-redonda virtual via webconferência

Conhecimentos Indígenas e Interculturalidade

Maria Aparecida Bergamaschi

Resumo

Os povos ameríndios advogam para si uma educação intercultural, mas também mostram preocupação com o que é ensinado nas escolas não indígenas, pois sabem que nelas ainda predominam práticas responsáveis por representações desvalorizadas de *índios*. Exemplo disso foi a luta por uma lei (11.645/2008) que instituiu a obrigatoriedade do estudo da história e da cultura indígena nas escolas brasileiras. Hoje, indígenas ocupam vagas nas universidades e apresentam resultados de suas próprias pesquisas. A presente comunicação aborda esse novo panorama, considerando a produção de conhecimentos sobre e pelos próprios indígenas intelectuais, problematizando as possibilidades interculturais que esse cenário anuncia.

Povos Indígenas e as políticas de educação escolar

Bruno Ferreira

Resumo

Os povos indígenas, em especial os Kaingang – povo ao qual pertencemos -, ao longo dos tempos tem mantido e desenvolvido suas formas próprias de educação, tendo como referência as pessoas mais velhas de suas comunidades, utilizando os diferentes espaços disponíveis em suas terras. Mas sabemos também que há muito tempo vem ocorrendo a escolarização dos indígenas, predominando na história práticas que visavam

a integração destes povos à sociedade nacional. A partir dos anos 1980 abre-se um “tempo de direitos” que, com muitas lutas, institui políticas educacionais que possibilitam uma educação escolar mais adequada. Sobre as políticas de educação escolar indígena que vou discorrer na presente comunicação.

Indígenas estudantes no ensino superior – o caso da UFRGS

Michele Barcelos Doebber

Resumo

Esta comunicação discorre sobre a presença indígena no ensino superior brasileiro, se debruçando especialmente sobre a Universidade Federal do Rio Grande do Sul que, desde 2008 recebe indígenas em seus cursos de graduação, em decorrência de uma política afirmativa. Apresento alguns resultados da pesquisa de doutorado que mostram que a presença indígena oferece possibilidades de autorreflexão para a instituição, sobre suas práticas pedagógicas e seu papel social. Porém, a permanência desses estudantes se configura como um grande desafio para a universidade. O diálogo e a postura receptiva aos conhecimentos originários pode ser um primeiro passo para efetivar processos de interculturalidade no ensino superior.

Crianças e espiritualidade guarani

Ana Luisa Teixeira de Menezes

Resumo

Abordarei a temática das crianças guarani numa perspectiva de intercência, que inclui os saberes indígenas no campo científico e acadêmico, a partir do campo das infâncias indígenas e da educação xamânica. Problematizarei a relação entre as vivências nas infâncias indígenas, a construção da pessoa e de uma epistemologia xamânica. Estas temáticas envolvem os estudos de saúde e de educação, tendo a criança como mediadora das visões cosmológicas indígenas que se constituem no diálogo com natureza, corpo e espírito. Ressaltarei alguns aspectos de ser criança, que envolve os primeiros anos de vida, a educação familiar e comunitária, evidenciando a estreita relação entre espiritualidade, saúde, educação e infância guarani.



Ana Luisa Teixeira de Menezes

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (1993), Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1999) e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2006). Foi Pró-Reitora de Extensão e Relações Comunitárias da Universidade de Santa Cruz do Sul (2009-2013) e, atualmente, é professora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNISC. Vice-líder do grupo de pesquisa *PEABIRU: educação ameríndia e interculturalidade* (UFRGS/UNISC). Atua na área de Psicologia e Educação, principalmente em educação guarani, psicologia comunitária, psicologia analítica e espiritualidade. Coordena o projeto de pesquisa “Aprendizagens interculturais com os Guarani: produção de conhecimentos ameríndios para a educação das infâncias”; integra a Rede interdisciplinar de pesquisa, no Instituto latino-americano de estudos avançados/ UFRGS, com o projeto “Povos originários e diaspóricos: epistemologias e territorialidades”, em diálogo com Alejandro López, da Universidad Nacional de Buenos Aires (Argentina); Laura Rosso, da Universidad Nacional del Nordeste (Chaco/Argentina); Cristina Simmonds Munoz Benemerita, Universidad del Cauca (Colômbia), Elizabeth Martínez Buenabad e Antonella Fagetti, da Universidad Autonoma de Puebla (México). Pós-doutoranda em Educação na UFRGS (CNPQ).



Bruno Ferreira

Possui graduação em História - Licenciatura Plena pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (1999). Especialista em Educação, Diversidade e Cultura Indígena pela Escola Superior de Teologia. Mestre em Educação e doutorando em Educação pela FACED-UFRGS. Pesquisa políticas públicas para a educação escolar indígena e processos próprios de aprendizagem das crianças indígenas.



Maria Aparecida Bergamaschi

Doutora em Educação e graduada em História. Realizou Pós-Doutorado na Universidade Estadual de Campinas (Campinas/SP). É Professora na Faculdade de Educação da UFRGS, onde atua como professora e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Educação, atuando na área de Educação Indígena e Ensino de História. É líder do grupo de pesquisa *Peabiru: Educação ameríndia e interculturalidade*. Integra o Conselho Editorial da Revista *Espaço Ameríndio*, participa da coordenação da Rede Saberes Indígenas na Escola - Núcleo UFRGS. Organizou e publicou artigos e livros sobre Educação Indígena e Ensino de História, tendo experiência nestas áreas, com pesquisas sobre educação guarani, educação escolar indígena e a temática indígena na escola.



Michele Barcelos Doebber

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É mestre em Educação, tendo como tema de pesquisa as políticas afirmativas na universidade, o ingresso e permanência de estudantes cotistas negros. Faz doutorado no PPGEDU/UFRGS, pesquisando sobre a presença indígena no Ensino Superior. É Técnica em Assuntos Educacionais, atuando junto à Coordenadoria de Acompanhamento do Programa de Ações Afirmativas da UFRGS.



Onório Isaias de Moura

Graduando em Relações Públicas na UNIPAMPA de São Borja. Membro do projeto Anauê. Fez parte dos projetos “Acessibilidade e inclusão digital” e “Formação de professores em pauta na comunidade indígena de Serrinha”, na UNIPAMPA de Alegrete. Produziu o mini-documentário “Serrinha Aldeia Kaingang”, disponível no Youtube. Foi monitor Estação Digital, da prefeitura de Alegrete, em 2012. Possui um capítulo de livro publicado em *Comunicação, Memória e Cidadania: Inserção social na Fronteira Oeste*, com o trabalho “kaingang ag kãme ta universidade fyr ty nyti ag”.

Semana Transversal Y
09 a 16 de julho
Índigenas em contexto urbano: demandas e desafios
Ciberpalestra de Alessandro José de Oliveira (IA/UNICAMP)
Webconferência: 13 de julho de 2017

Como início das atividades, assista aos seguintes filmes online:

- (i) **Índios na cidade:** <https://www.youtube.com/watch?v=M0mrQZ5IqB4>
- (ii) Documentário **Índios na cidade, vidas em travessia:** <https://www.youtube.com/watch?v=S8lxFIHRnok>
- (iii) No meio desta reportagem, há um vídeo a ser assistido para ver o trabalho que se está realizando em Campinas/SP. A leitura deste artigo é também importante: <http://www.esquerdadiario.com.br/Grupo-de-Cultura-Indigena-de-Campinas-se-mobiliza-contra-os-ataques-do-Governo-Temer>

O grupo *EtnoCIDADE* foi formado pela necessidade de refletir e agir em torno da demanda de homens e mulheres indígenas que vivem em contexto urbano. O objetivo central do trabalho é estimular o poder público na criação de uma política pública para indígenas urbanos. O desafio, a longo prazo, é criar um Centro de Referência, isto é, construir um espaço onde os indígenas que vivem na cidade possam se encontrar, trocar conhecimento e articular ações ligadas as suas necessidades específicas. O trabalho teve início apenas um ano a partir da necessidade de alguns de seus integrantes em dar visibilidade para a população indígena (urbana e aldeada) no espaço urbano e reduzir os preconceitos e estereótipos historicamente produzidos sobre eles, sobretudo, no campo educacional. Nessa perspectiva, o *EtnoCIDADE* realiza atividade de performances artísticas no centro urbano e organiza a feira de Cultura Indígena. Uma segunda tarefa do grupo consiste em localizar e acompanhar os indígenas que vivem na cidade e convidá-los para se integrar ao grupo. Busca-se também estabelecer condições para interação entre os indígenas e os espaços educacionais, fornecendo subsídios referentes à temática indígena para as escolas. As atividades centrais consistem em oficinas de dança, produção de artesanato, rodas de conversas, etc. E, por fim, o *EtnoCIDADE* se propõe a criar espaços de reflexão, por meio de palestras em diversos aparelhos culturais da cidade, nas mais diferentes temáticas indígenas. O trabalho envolve a produção de arte (performance, artes visuais, exibição de filmes), religiosidade, medicina, língua e literatura, demarcação das terras e políticas indigenistas, dentre outras.

Alessandro José de Oliveira é sociólogo, artista/performer e produtor cultural. Na graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal de São Carlos (1999), onde estudou a cidade e o modo de vida do interior. No mestrado em Artes na Universidade Estadual de Campinas (2004), estudou cultura popular de matriz afro-brasileira. No doutorado em Ciências Sociais também na UNICAMP (2015) pesquisou sobre a pedofilia. Tem especialização em Gestão Cultural pelo Itaú-Cultural/Universidad Girona-Espanha (2013) e em Produção Cultural pelo Senac (2015). Fez o pós-doutoramento na Universidade de Tuiuti (PR) com pesquisa em performance e arte *queer*. Atualmente é pesquisador-colaborador do Departamento de Artes Cênicas da Unicamp, pesquisando a arte da performance e a performance indígena no espaço urbano. Como profissional atuou como sociólogo assessor no Programa de Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP/UNICAMP), com trabalhos de planejamento estratégico em Economia Solidária voltados para a criação de uma associação de profissionais do sexo de Campinas/SP e de uma cooperativa de portadores de HIV/AIDS. Foi professor em Artes Cênicas e ator no Grupo de Teatro Evoé - USP/São Carlos e do Grupo de Teatro de Rua – Esquina das Ilusões (São Carlos/SP). Dirigiu o espetáculo *O Peru do Cão Coxo* (adaptação de *A farsa da boa preguiça*, de Ariano Suassuna), espetáculo que ganhou o prêmio estímulo no Mapa Cultural Paulista 2000, e o espetáculo *Yabadê: história das três divas do terreiro* (Unicamp/2016). Como produtor cultural atuou como assistente de produção dos filmes documentários *“Diário de Exus”* (2013/2015) e *“Dança da Amizade”* (2015/2016), *“A mulher da Casa do Arco-Íris”* (2016-2017), dirigidos por Gilberto Alexandre Sobrinho. Como produtor teatral trabalhou com o grupo de teatro Pindorama-Unicamp no espetáculo *“Exus”* (2014), dirigido por Grácia Navarro. Foi docente em antropologia social e relações étnico-raciais (Unip/Sorocaba, Unip/Pinheiros) e realizou diversas pesquisas em Antropologia, Sexualidade, Cultura Popular.